

ANTÔNIO ALÇADA BAPTISTA

A Fátima escreveu-nos 42 cartas. Não venho responder, venho dizer-lhe que elas se dirigem a uma espécie de irmandade que percebe a sua linguagem e acredita na mesma vida. Uma vez, no Rio de Janeiro, estava numa conversa de amigos e um de nós citou a conhecida frase do Sartre: “O Inferno são os outros.” O Millor Fernandes, que estava ali, disse: “Sim, sim, mas o Céu também.”

O Céu não é propriamente aquele jardim bonitinho que nos ensinaram no catecismo e nas telenovelas passadas no além, mas é talvez esta fraternidade de alma que devemos ter com os que estão nessa onda. A gente, a certa altura, toma consciência de que isto que andamos a viver não é bem aquilo para que fomos feitos. Então, acontece, escolhermos alguns que falam a nossa língua e pomos em comum as nossas procuras. Aí a paisagem não é monótona porque só nos interessam os mistérios e tudo o que é importante é misterioso: a vida, a morte, o amor e a comunicação com a transcendência. Digo transcendência para não dizer Deus porque é uma palavra que as nossas mãezinhas, com a melhor boa vontade, nos deram cheia de perversões: um velho senhor de barbas brancas, cruel e tirânico, que nos impunha deveres quase sempre contrários à nossa natureza e por onde mal passava um pingo de amor. De Deus não sabemos nada e o S. Gregório de Nissa dizia até “que qualquer ideia de Deus era um ídolo de Deus”. Deus é realmente o fulcro do mistério e, se tivesse forma, era de mulher porque a mulher é que nos convida a termos com os outros uma relação de amor.

Um livro de Fátima Andersen: “42 cartas (que não de amor)”

O mistério do amor tem pouco que ver com aquilo que se passa entre um homem e uma mulher que, através de todos os interditos, criou outras carências onde o desejo se intrometeu para baralhar ainda mais a questão. O desejo é muito bom mas não tem nada que ver com a descoberta do amor ao próximo que — é preciso não esquecer — “temos que amar como a nós mesmo”.

Como já dei a entender no princípio, estas suas cartas são conversas de alma. Uma heresia gnóstica, com a qual estou de acordo, dizia que nem todos têm alma. Que ela é uma mera predisposição, uma pequena chama que nos foi posta por dentro e que a gente pode deixar desenvolver ou deixar que se apague regressando ao nada inicial. Eu acho que sim. Por isso as suas cartas, entre outras coisas, são exercícios para aprender essa linguagem sem a qual talvez não sejamos capazes de nos aproximarmos dos mistérios que condicionam a nossa serenidade.

Guardei a serenidade para o fim porque precisamos muito dela para enfrentar a morte. Se não conseguirmos conquistar a serenidade é possível que a gente tenha que passar um mau bocado nesse exacto momento em que talvez se levante um pouco do véu dos mistérios que nos condicionam e que, em vez de nos levarem à angústia, nos deviam levar à alegria de alcançarmos esse privilégio.

Você diz que as suas cartas não são de amor. Mas isso é que são. Um beijo e o afecto do António.

